

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desejo de trabalhar algo relacionado a questão indígena concretizou-se numa bolsa de pesquisa desenvolvida no Projeto: HISTÓRIA, ARQUIVO E MEMÓRIA DE TEFÉ, entre 01/07/15 á 28/05/16. Este Projeto foi desenvolvido no arquivo da Prelazia de Tefé, tinha como objetivo: higienizar, catalogar, digitaliza e organizar os documentos para facilitar a pesquisa local. Mesmo com o termino do projeto, as pesquisas continuaram, pois se fez necessário coleta de dados.

Foi através deste projeto de pesquisa que se deu os primeiros contatos com algumas publicações do jornal Porantim, as publicações coletas através deste projeto não seguem uma ordem cronológica de mês no ano. No entanto, foi foliando algumas páginas das publicações encontradas que descobriu-se que o Porantim é um jornal editado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), assim tornou-se preciso para coleta de dados, recorrer a biblioteca do CIMI - Tefé, onde foram encontradas em forma de “catálogos,” papel A-3, algumas publicações do Porantim com todos os meses do ano. Outra pesquisa foi eletrônica, na Hemeroteca Indígena.

O objetivo desta monografia foi de analisar o jornal Porantim como fonte - objeto de pesquisa no período pós- ditadura civil milita. Em 1985 a esperança dos povos indígenas na brasileira era grande, pois se esperava com a transição de um governo militar para um democrático uma mudança na politica indigenista brasileira, no entanto o que ocorreu foi a criação de projetos que acabaram em assassinatos de índios por conflitos de terras.

A utilização de jornais como fonte de pesquisa no Brasil é recente, mais notadamente do no início de 1980, depois de uma renovação historiográfica que inseriu a imprensa na lista de novos documentos, é recente, mas tem crescido no Brasil nos últimos anos o número de trabalhos que tomam os materiais da Imprensa, dentre estes, os jornais como fonte- objeto para pesquisa histórica. Este aumento mostra a grande relevância dos jornais para o conhecimento do passado, pois, permite através de seus registros diários, aos historiadores acompanharem a trajetória dos homens no tempo.

Escrever a história do **Porantim: um Boletim Informativo de Missionários e Índios que virou jornal** não foi fácil, dois obstáculos podem ser descritos: O curto período de tempo do Projeto, pois o objetivo maior desse projeto era organizar os documentos no

Arquivo, e não de encontrar edições do Porantim. O segundo, que nos Arquivos pesquisados em Tefé, não foram encontradas todas as edições para se trabalhar o período desejado, que obrigou recorrer a pesquisa eletrônica na Biblioteca Indígena.

Reunidas as edições encontradas do jornal Porantim o recorte cronológico adotado foi 1985-1990, tem como objetivo analisar e descrever a partir das páginas do jornal Porantim a violência praticada contra os povos indígenas no Brasil, pós- ditadura civil militar 1985. Dentro desta violência, os assassinatos de índios em algumas regiões do país.

A metodologia adotada para analisar e descrever os assassinatos de índios a partir das páginas do jornal Porantim, foi uma pesquisa bibliográfica de autores como: Heloísa de Faria Cruz, Maria do Rosário Sá Peixoto, Renée Barata Zicman e Raymond Williams, estes autores não trabalham com assassinato de índios, e sim com a utilização da imprensa na pesquisa histórica, trazendo alguns procedimentos teórico- metodológicos para se trabalhar qualquer material da Imprensa. No entanto para aqueles que optam em escolher o jornal como fonte - objeto terão que ter além de fontes e disposição, algumas procedimentos teórico - metodológicos.

Este recorte no primeiro momento fez-se necessário pela maior quantidade de edições encontradas do Jornal Porantim entre 1985-1990, no entanto foi com as primeiras leituras que descobriu-se que o recorte cronológico estaria relacionado diretamente a um contexto político ocorrido entre aos anos de 1985-1990, com sua forma de governo, ou seu plano de governo.

Esta monografia está dividida em dois capítulos: O primeiro trata da relação da Imprensa com a História, diferenciando dois pontos que confundem: a imprensa como objeto de estudo, e como fonte de pesquisa, em seguida faz um pequeno histórico da chegada da imprensa no Brasil e depois no Amazonas. O segundo capítulo traça o histórico do jornal Porantim, sem antes conhecer a História do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em seguida trazer o surgimento do jornal Porantim para depois utilizá-lo como fonte de pesquisa, analisando e descrevendo como jornal abordava em páginas o assassinato de índios e os motivos destes, entre os anos de 1985- 1990.

CAPITULO 1

A RELAÇÃO DA HISTÓRIA COM A IMPRENSA

1.1. O jornal como fonte de pesquisa

Na relação da História com a Imprensa dois campos de estudos devem ser esclarecidos: a Imprensa como objeto de estudos ou, como fonte de pesquisa histórica. Como objeto de estudo, ela reconstrói a evolução histórica dos órgãos de imprensa e faz levantamentos, listagens e catálogos de jornais. Contada por essa perspectiva a História da Imprensa e a história do capitalismo, uma história linear que traça a evolução histórica da imprensa desde Gutemberg aos grandes conglomerados jornalístico do presente. Já a imprensa tomada como fonte de pesquisa, reúne os trabalhos que utilizam a Imprensa como fonte primária na pesquisa história, conta a História através da Imprensa.

A pesquisa histórica sobre a imprensa no Brasil é um campo relativamente virgem e o principal problema enfrentado são os próprios limites impostos pela quantidade limitada de dados e falta de fontes estatísticas. Excetuando-se os trabalhos pioneiros e hoje já clássicos de W. Sodré e F Nobre (...) e os mais recentes de Mota, Capelato, Prado, Ferreira(...) a História da Imprensa no Brasil 'ainda engatinha'. (Zicman, [s/d], p, 89)

A História da imprensa no Brasil ainda é pouca estudada. A obra de Nelson Werneck Sodré: *A História da Imprensa no Brasil* é considerada por muitos historiadores como grande referência para construção da História da Imprensa no Brasil, pois, no que parece Nelson Werneck Sodré (1999). Nesta obra analisa a evolução histórica da imprensa Brasileira., trazendo um panorama do período colonial brasileiro para se entender o atraso da imprensa no Brasil. Não menos importantes do que Sodré, outros autores desenvolveram estudos sobre a Imprensa no Brasil: Juarez Bahia, Carlos Rizzini e Hélio Viana.

Como fonte de pesquisa a Imprensa só começou a ganhar espaço a partir da década de 1970.

Após a superação de antigas posturas que marcaram a prática historiográfica, notadamente as noções de 'fonte suspeita' e 'repertório da verdade'(...). É na década de 70 e início de 80 do século XX que os jornais passaram a ser encarados de forma diferente. No processo de reavaliação do tratamento dispensado pelo historiador às fontes históricas, os jornais passaram a se apresentar como espaços de representação de inúmeros aspectos da realidade". (TELES, 2008, p. 23)

Diante deste reconhecimento a imprensa periódica na suas variadas formas contemporânea será usada nas diversas áreas de pesquisa e ensino.

Segundo Cruz e Peixoto (2007, p. 254) :

Na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemática, a utilização da imprensa está cada vez mais generalizada (...), e para além de penetrarem nas discussões acadêmicas nos cursos de graduação e pós graduação, tornaram-se visíveis inclusive nos parâmetros e diretrizes curriculares para o ensino básico.

Para as historiadoras é neste processo de ampliação de nossa compreensão sobre as fontes que os estudos históricos passam a incorporar de forma crescente a imprensa como documento de pesquisa e material didático para o ensino.

Nesse período, a imprensa periódica, seja nas suas variedades históricas e de veículos, grandes jornais diários, jornais regionais e locais, revistas nacionais, revistas de variedades, culturais, especializadas ou militantes, gibis, jornais alternativos ou de humor; seja em suas diferentes partes e seções, como editoriais, noticiário corrente, carta de leitores, seção comercial, artigos assinados; ou ainda, nos diversos gêneros e linguagens que se articulam nos veículos, como artigo de fundo ou editorial, a notícia e a reportagem, as crônicas, críticas e ensaios, as cartas e pequenos comentários, a fotografia, o desenho e a charge, o classificado e o anúncio comercial – tem sido amplamente utilizada na pesquisa acadêmica e no ensino de história. (CRUZ E PEIXOTO, 2007, p. 255)

Nas suas várias faces, no ensino e na investigação, os materiais da imprensa tem sido utilizada na pesquisa histórica. Esta renovação historiográfica ampliou a noção de documento. Diante deste alargamento tornou-se necessário aos historiadores um aprofundamento teórico-metodológico para o tratamento.

Em seu artigo intitulado. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa, Cruz e Peixoto (2007) problematizam usos correntes que os historiadores fazem da imprensa como fonte de pesquisa.

As pesquisadoras afirmam que a imprensa tem recebido pelo seu mau uso alguns qualitativos como:

‘Manancial fértil para o conhecimento do passado’, ‘fonte de informação cotidiana’, ‘material privilegiado para a recuperação dos acontecimentos históricos’ são alguns dos qualificativos sobre a utilidade da imprensa para a pesquisa histórica que se espalham pelos trabalhos e que, de certo modo, têm contribuído para naturalizar certas formas de uso quando os materiais da imprensa nesses trabalhos são utilizados como objetos mortos. (2007, p. 256)

Conforme as pesquisadoras no uso corrente em monografias, dissertações e teses, nas quais vez por outra, a imprensa é apresentada como fonte subsidiária ou secundária, as publicações são tomadas como meras fontes de informação. Ainda de acordo com as historiadoras temos avançado pouco na discussão e afirmação de um repertório de procedimentos metodológicos para o seu tratamento. “Propõem-se, no estudo da imprensa, um deslocamento que nos conduza da história dos meios de comunicação para o campo da história social” (CRUZ e PEIXOTO 2007, p. 257).

Como indica Raymond Williams em seu artigo sobre a imprensa popular inglesa, uma abordagem corrente entre nós historiadores, cientistas sociais e estudiosos da comunicação é aquela que faz da história da imprensa um campo isolado, que se referencia a si mesmo, sem buscar as conexões e vínculos não só com a história de outras formas de comunicação, mas também com a história social mais ampla...(Cruz e Peixoto 2007, p. 258)

As pesquisadoras lembram ainda aqueles desejam utilizar um material da Imprensa como fonte de pesquisa que :

Os diversos materiais da Imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social. (CRUZ E PEIXOTO, 2007, p. 258)

Para além de problematizar o mau uso que alguns historiadores fazem da imprensa na sua oficina, Cruz e Peixoto indicam um roteiro de análise para trabalhar os jornais, como:

Identificação do Periódico (anotar seu título, subtítulo, datas limites de publicação, periodicidade e a classificação de acesso na instituição ou acervo em que se desenvolve a pesquisa) (...). O Projeto Gráfico/Editorial: organização e distribuição de conteúdos nas diversas partes e seções no interior do periódico como, por exemplo, a localização e extensão que ocupam, as funções editoriais a elas atribuídas e por elas desempenhadas, seus modos de articulação e expressão. (CRUZ E PEIXOTO, 2007, p. p. 261-262)

No entanto as historiadoras Heloisa Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, além de criticar os maus usos que historiadores estão fazendo da imprensa na sua “oficina” as pesquisadoras trazem alguns procedimentos não só teórico, mas também metodológico para trabalhar qualquer material da imprensa.

Outra historiadora que discute a utilização da imprensa na pesquisa histórica e traz alguns procedimentos teórico- metodológico é Renée Barata Zicman, que diz:

(...) nos últimos anos vimos aparecer uma série de trabalhos que utilizam o jornal como fonte documental da história a maioria inserindo-se em monografia acadêmicas e teses universitárias (...). Mesmo frequentemente consultados e citados os jornais são raramente estudados e analisados (...). Partimos da hipótese geral que a Imprensa age sempre no campo político ideológico e portanto toda pesquisa realizada a partir de análise de jornais e periódicos deve traçar necessariamente traçar as principais características dos órgãos de Imprensa consultados. Mesmo quando não se faz a história da Imprensa (s/d, p. p. 89-90)

Portanto conhecer as principais características do órgão que está sendo pesquisado, tornou-se obrigatório para o historiador mesmo quando não quer fazer a História da Imprensa. Além de discutir os maus usos dos periódicos na pesquisa histórica, Zicman traz para os historiadores um esquema geral com quatro grandes eixos para a caracterização do periódico:

Aspectos formais e materiais do jornal (qualidade do papel, formato, nº de páginas, tipografia, ilustração, primeira página, nome, composição e sistema de títulos). Aspecto histórico do jornal (origem do jornal, proprietários e diretores do jornal). Aspectos econômicos do jornal (financiamento, tiragem, publicidade, difusão e preço). Aspectos da clientela do jornal (destinatários, idade, sexo, situação profissional etc...). (s/d, p. p. 91-94)

Portanto a utilização dos jornais como fonte- objeto de pesquisa no Brasil é fruto da renovação historiográfica ocorrido na década de 1970, antes desse período os jornais eram visto com desconfiança, agora apresentava -se como espaço de realidade, a partir deste momento tornou-se necessário para o historiador buscar novos métodos de pesquisa.

1.2. SURGIMENTO IMPRENSA NO BRASIL: Um breve resumo

Para um breve resumo da História da Imprensa no Brasil foi utilizado alguns capítulos da obra de Nelson Werneck Sodré: *A História da Imprensa no Brasil*. Sodré traça um panorama do período colonial brasileiro para entender o atraso da imprensa no Brasil.

Segundo N. W. Sodré (1999, p. 16). Mas a razão essencial estava nas condições coloniais adversas: o escravismo dominante era infenso à cultura e a difusão. A etapa econômica e social atravessada pela colônia não gerava as condições necessárias à instalação da imprensa.

Diferente das colônias espanhola e inglesas que conheceram a imprensa entre os anos 1539-1560, o Brasil só conheceu a imprensa com a chegada da família Real portuguesa em

1808.o Brasil só conheceu a imprensa de forma sistemática, com a chegada da família Real portuguesa em 1808. .

A Imprensa surgiria com o advento de D. João. Esta Imprensa foi instalada no dia 13 de Maio na casa de Antônio de Araújo à rua dos Barbonos (...). Dessa oficina, a 10 de Setembro de 1808, saiu o primeiro número da Gazeta do Rio de Janeiro. Era um papel impresso, preocupado quase que tão somente com que se passava na Europa, de quatro páginas in 4º, poucas vezes mais, semanal de início, tri- semanal, depois, (...). Era encontrado na loja do mercador de livros Paul Martin Filho. Esse arremedo de jornal era dirigido pelo Frei Tibúrcio José da Rocha. (SODRÉ, 1999, p. 19)

O ano de 1808 tem como marco principal a chegada da Imprensa no Brasil e a impressão do primeiro jornal, a Gazeta do Rio de Janeiro, no entanto se no primeiro momento a demora em o Brasil conhecer a imprensa antes do século XIX estava mais relacionado “ausência de capitalismo,” nos anos finais desse mesmo século para o início do século XX este panorama começaria a se transformar, neste período a produção artesanal dos impressos começou a ser substituída por processos de caráter industrial, foi:

quando a produção artesanal dos impressos, graças à incorporação dos avanços técnicos, começou a ser substituída por processos de caráter industrial (...). Máquinas modernas de composição mecânica, clichês em zinco, rotativas cada vez mais velozes(...). Alterava o processo de compor e reproduzir textos e imagens passou a ser utilizado pelos diários de algumas das principais capitais brasileiras (...) alteraram-se a posse de folhas diárias começou a se transformar em negócio. (LUCA, s/d, p. 1)

Portanto a incorporação de novas tecnologia na imprensa brasileira ocorrida na passagem do final do século XIX para o início do século XX não só possibilitou o crescimento de produção de jornais, como fez surgir mais tarde novos temas a ser abordado pelo historiador.

É preciso ter presente que o período em apreço foi marcado pelo final da escravidão, instauração do regime republicano e seu ideal de reformar o ensino e disseminar o letramento, prosperidade trazida pelo café, crescimento dos centros urbanos e do setor de serviços, com particular destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo, extensão da malha ferroviária, entrada de grandes levas de imigrantes e início de um primeiro surto industrial, circunstâncias que, a um só tempo, favoreciam e demandavam a circulação da informação. (LUCA, s/d, p. 1)

Sobre a experiência inglesa no século XIX, Raymond Williams diz:

Não se pode assumir que o desenvolvimento da imprensa popular seja uma simples consequência da expansão da alfabetização. Na verdade, ao longo de todo o século dezenove, o número de pessoas que, ou compravam ou liam

jornais estava muito abaixo das menores estimativas possíveis sobre o número de pessoas que eram capazes de ler. (2007 p. 16)

No entanto o que não podemos pensar que difusão do jornal no Brasil está diretamente relacionado com o crescimento de leitores, e sim pelo desenvolvimento de rodovias, de cidades como São Paulo Rio de Janeiro, etc...Todas essas transformações tecnológicas ocorridas na imprensa Brasileira, não foi de imediato, pequenas folhas continuaram a existir.

Tais alterações enfeixam tendências que se insinuavam com vigor crescente e que certamente não implicaram na eliminação pura e simples das pequenas tipografias ou na transferência imediata de equipamentos obsoletos para rincões mais longínquos. Folhas domingueiras e publicações efêmeras compostas manualmente e 'distantes, em produção e em organização administrativa, das estruturas editoriais em funcionamento no Sudeste com seus setores de venda avulsa, assinaturas, publicidade, promoção, pesquisa, circulação etc'. (LUCA, S/D, p. 2)

Entretanto mesmo com esse desenvolvimento tecnológico na imprensa não devemos nos esquecer a grande importância das pequenas folhas domingueiras e as folhas de rápida circulação composta manualmente tiveram grande importância.

Exemplar nesse sentido é a pesquisa de Heloisa Cruz que demonstrou a força da pequena imprensa ou seja, um conjunto extremamente diversificado de folhetos, revistas e jornais de bairros, casas comerciais, órgãos recreativos, educacionais, comerciais, humorísticos, étnicos, sem esquecer a ativa imprensa operária – numa cidade símbolo do tão perseguido ideal de modernidade como São Paulo, que se urbanizava e conhecia uma verdadeira revolução demográfica no início do século XX (LUCA, s/d, p. 3)

Portanto o desenvolvimento da imprensa Inglaterra no século XIX e no Brasil no início do século XX está em consonância com desenvolvimentos das cidades, das rodovias e de uma classe burguesa e, que em meio a esses desenvolvimento, as pequenas folhas, de menor tiragem continuaram a circular em meio da grande imprensa.

1.3. IMPRENSA NO AMAZONAS

Para uma História da Imprensa no Amazonas dois historiadores serviram de referências: Luciano Everton Costa Teles e Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, segundos eles, alguns estudos foram realizados na década de noventa por alguns pesquisadores locais, dentre quais os João Batista de Faria e Souza e Alcides Bahia (1908), José Ribamar Bessa Freire (1990).(TELES, 2008, p. 22)

Para um estudo da História da imprensa no Amazonas, “digno foi o primoroso inventário da imprensa periódica amazonense, realizado por João Batista de Faria e Souza, cuja motivação estava associada ao empreendimento proposto pelo IHGB acerca do Centenário da Imprensa no Brasil.”(PINHEIRO, 2014, p.308)

Segundo TELES (2008, p. 22). Esse estudo foi importante por ter chamado a atenção para a riqueza daquela produção jornalística, a partir da listagem de mais de três centenas de jornais que circularam na região, desde a implantação da Província, em 1851, até 1908.

Tabela-1 Lista dos Jornais que circularam no Amazonas entre 1851-1908.

| | |
|------------------------------|-----|
| Barcelos (rio Negro) | 2 |
| Coary (rio Solimões) | 1 |
| Humaythá (rio Madeira) | 2 |
| Itacoatiara (Baixo Amazonas) | 5 |
| Lábrea (rio Purus) | 8 |
| Manicoré (rio Madeira) | 8 |
| Manacapuru (rio Solimões) | 1 |
| Manáos (Capital) | 328 |
| Parintins (baixo Amazonas) | 3 |
| Rio Branco (rio Negro) | 3 |
| São Joaquim (rio Negro) | 3 |
| Tefé (rio Solimões) | 1 |
| Território Federal do Acre | 6 |

PINHEIRO, LUÍS Balkar Sá Peixoto. Imprensa e Sociedade nos Confins da Amazônia (1880-1920), 2014, p. 308

Após 1908, a historiografia amazonense manteve-se, por décadas, em longo silêncio.

Somente nos anos 1990, a imprensa amazonense voltaria a atrair a atenção dos pesquisadores e historiadores locais, resultando desse interesse um primoroso inventário que, compulsando as mais importantes instituições arquivísticas do Estado, identificou e catalogou mais de 600 títulos publicados no Amazonas, entre 1851 e 1950. (PINHEIRO, 2014, p. p. 303-4)

Segundo Teles (2008, p. 22) nesta obra buscou-se ampliar o quadro dos jornais publicados no Amazonas, com rápida apresentação que não só reavaliava a dinâmica do periodismo local, como também reafirmava sua importância como importante fonte para a renovação historiográfica.

A pesquisa histórica sobre a Imprensa no Amazonas ainda é pouco estudada pelos historiadores locais. No ano 2000 a tese de Maria Luiza Ugarte Pinheiro avançou sobre este legado abordando mais profundamente o processo de inserção da imprensa amazonense na rica expansão do periodismo brasileiro, vivenciada em especial entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX.

Segundo Luís Balkar (2014, p. 305).

Na análise de Pinheiro, o desenvolvimento do periodismo no Amazonas está associado tanto à expansão da economia de exportação da borracha e ao processo migratório por ele induzido, quanto à assimilação, na Amazônia, dos valores estéticos e do ideário cultural da Belle Époque (...). Pinheiro“que chamou a atenção para a importância das pequenas folhas, que, mesmo marcadas pela efemeridade, conseguiram, por vezes, entabular posturas diferenciadas e até dissidentes (...) que permitiam aflorar para o historiador temas, questões e sujeitos igualmente diferenciados,

Depois de Maria Luiza Ugarte outros trabalhos surgiram, TELES, 2008; AVELINO, 2008; (ALVES, 2009; SANTIAGO, 2010; OLIVEIRA, 2010). (PINHEIRO, 2014, p. 305). Depois destes outros tem contribuído. No entanto é neste rastro que tentaremos dar voz aos materiais da imprensa amazonense na pesquisa histórica, tomando como fonte de pesquisa o jornal Porantim.

CAPÍTULO 2

UM BOLETIM INFORMATIVO QUE VIROU JORNAL

2. 1. HISTÓRIA DO CIMI

O objetivo deste segundo capítulo é analisar o jornal *Porantim* como fonte de pesquisa, para isso foi preciso dialogar com o historiador inglês Raymond Williams e as historiadoras, Renée Barata Zicman, Heloisa Fria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, etc..., que não só discutem a utilização do jornal fonte primária na pesquisa histórica, como também indicam alguns procedimentos teórico- metodológicos para se trabalhar qualquer material da imprensa

O *Porantim* é um jornal editado desde seu surgimento (1978) pelo Conselho Indigenista Missionário e, podemos dizer que atualmente ainda existe. Portanto antes de conhecer a história do jornal *Porantim* será preciso conhecer a História do CIMI.

Para traçar um histórico do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) foram utilizados a obra de Regina Viera *O Porantim e o Indígena*, o primeiro Boletim do CIMI e algumas páginas de seu Regimento Interno .

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) surgiu dia 23 de Abril de 1972, no Terceiro Encontro sobre Pastoral Indigenista, na sede do Instituto Antropos do Brasil, em Brasília. Sua estrutura ocupa ambiente cedidos pelo p.e Pedro Holz (...), os membros residem no seu campo de trabalho e estão a completo dispor dos senhores bispos e missionários. (Boletim do CIMI- 1972, n.º 1, p. 1)

No ano em surgiu o país era governado por militares que tinham como objetivo principal o desenvolvimento econômico do país, neste mesmo ano foi inaugurada como o símbolo desse desenvolvimento, a Rodovia Transamazônica (BR-230). A construção desta rodovia representou a destruição de quase trinta territórios indígenas. Neste período também estava em tramitação na Câmara Federal o “projeto de lei nº 2.328” que determinava o Estatuto do índio. (Boletim do CIMI- 1972, n.º 1, p. 1)

Foi entre este contexto desenvolvimentista de destruição de territórios e direitos indígenas que nasceu o CIMI.

Desde seu início, o CIMI é um órgão anexo a CNBB e atualmente se estrutura basicamente a partir de uma assembleia geral, que é a sua instância máxima e tem uma diretoria assim constituída: Presidente, vice-presidente, e os coordenadores das regionais, num total de dez membros. Essa diretoria reúne-se de três ou quatro vezes por ano conforme a necessidade exija (...). A diretoria do Cimi é eleita em assembleia geral por um mandato de quatro anos podendo seus membros ser reeleitos ao final do período. (VIEIRA, 2000, p. p. 37-38).

No capítulo 1. Art. 1º do Regimento Interno, o Conselho Indigenista Missionário, já deixava explícito sua intenção: o objetivo do CIMI é estar a serviço do índio e de seus missionários.

1.Promovendo Pastoral indígena. 2 Desenvolvendo formação teológica, antropologia e técnica dos missionários por meio de cursos periódicos. 3 Conscientizando o povo brasileiro a respeito da causa indígena. 4 Estabelecendo o relacionamento das missões indígenas com a CNBB, os órgãos governamentais mormente com a Funai, e com missões de outros credos religiosos. 5 Assessorando juridicamente os missionários na defesa e patrimonio indígenas. 6 Planejando, em entendimento com a CNBB a realização de outros Encontros de Estudos sobre Pastoral indígena. (Regimento interno do CIMI, 1972, p. 2)

Criado em 1972 pela (CNBB) o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) propõe-se, a preparar os missionários de forma específica e atualizada para que estes tenham condições de desempenharem seu trabalho, dando assistência jurídica, teológica, antropológica aos missionários que defendem os grupos indígenas na sua luta pela terra. No seu início era representado por dez regionais e um secretariado Nacional.

Tanto as regionais como o secretariado Nacional são mantidos pelo próprio Cimi, que conta com a contribuição financeira de organismo internacional ligado a igreja católica (...). Há também a colaboração da própria CNBB (...), o Cimi funciona basicamente através de projetos de trabalhos, sejam nacionais ou regionais. (VIEIRA, 2000, p. 42)

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) surgiu em 1972, e o seu objetivo é de estar a serviço dos índios e seus missionários, pois neste momento os territórios indígenas estavam sendo invadido para dá lugar ao desenvolvimento econômico. Para isso o CIMI prestava toda uma assistência aos seus missionários para lutarem na defesa da causa indígena. Além das regionais espalhadas, o CIMI edita o Porantim, um jornal especializado na defesa da causa indígena.

2.2. O SURGIMENTO DO PORANTIM

O Porantim é um jornal editado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), órgão pertencente a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) instância máxima da igreja católica no Brasil.

Só foi possível conhecer a história do Porantim e sua importância no meio social através de uma bolsa de pesquisa no Projeto : HISTÓRIA, ARQUIVO E MEMÓRIA DE TEFÉ. Este Projeto teve duração de dez meses (01/-07/15 - 28/05/16), tinha como objetivo a higienização, catalogação e organização dos documentos da Prelazia de Tefé que estão no Arquivo da Rádio Rural de Tefé, para assim facilitar o acesso desses documentos para pesquisa local.

Para escrever a história de **Um boletim Informativo de Missionários e Índios que virou jornal** saímos do Arquivo da Prelazia de Tefé com alguns números encontrados do jornal Porantim e, recorremos a biblioteca do CIMI – TEFÉ, encontrando em forma de “catalogos” algumas publicações do Porantim, todos em tamanho A-3, e também a hemeroteca indígena.

Tabela 2- Edições encontrados do jornal Porantim no Arquivo da Prelazia de Tefé.

| Ano | Mês | Nº | Total de publicações |
|------------|----------------------------|-----------------|-----------------------------|
| 1978 | Junho | 02 | 01 |
| 1985 | Set | 79 | 01 |
| 1986 | Nov | 93 | 01 |
| 1987 | Out - Nov | 102 - 103 | 02 |
| 1988 | Jan- Fev | 105 | 01 |
| 1989 | Jan- Dez | 115-124 | 09 |
| 1990 | Jan- Dez | 125-134 | 09 |
| 1991 | Mar- Jun- Jul- Ag- Set- | 136-139-140-141 | 04 |
| 1992 | Jan- Fev- Jun- | 145-148 | 02 |
| 1994 | Jul- Ag | 167 | 01 |

Fonte: Arquivo da Prelazia de Tefé. Pesquisa de campo do autor. 2017

Tabela 3- Publicações do jornal *Porantim* encontradas na Biblioteca do CIMI- TEFÉ

| Ano | Meses | Nº | Total de Publicações |
|------|-----------------|-----------|----------------------|
| 1980 | Jan – Dez | 15 - 25 | 10 |
| 1989 | Jan – Dez | 115- 124 | 9 |
| 1990 | Jan – Dez | 125 - 134 | 9 |
| 1992 | Jan – Fev – Jun | 145 - 148 | 3 |

Fonte: Biblioteca do CIMI- TEFÉ Pesquisa de campo do autor. 2017

Tabela 4 – Pesquisa eletrônica

| Ano | Meses | Nº | Total de publicações |
|------|----------|-------|----------------------|
| 1978 | Maio | 01 | 1 |
| 1979 | Abr- Jun | 07-08 | 2 |
| 1982 | Março | 37 | 1 |
| 1987 | Março | 96 | 1 |

Fonte: Hemeroteca Indígena, <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemeroindio&pagfis=3362>. Acessado em: 16/10/2017

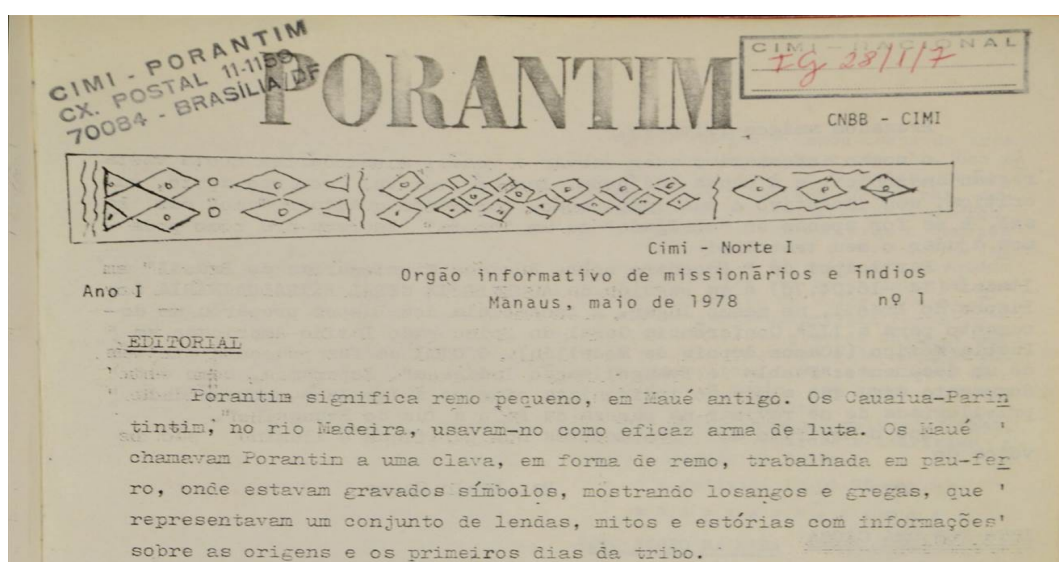
Reunidas as publicações encontradas podemos dizer que a História do jornal *Porantim* começa no mês de Janeiro, no Curso de Indigenismo, ocorrido em Manaus no ano de 1978, na casa Jordão, de propriedade salesiana, quando os missionários manifestaram uma presença mais participativa do CIMI na região. “ Em Abril do mesmo ano o secretário geral do CIMI autorizou a instalação do CIMI – Norte I, e a edição de um boletim destinado ao intercâmbio de informações dos missionários atuando nas comunidades indígenas.” (VIEIRA, 2000, p. 33)

Em Maio do mesmo ano (1978) **O PORANTIM - Órgão Informativo de Missionários e Índios. -CNBB- CIMI NORTE I** começou a ser editado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Assim o jornal Porantim, ainda com aspecto de boletim teve seu primeiro número mimeografado em maio de 1978, cujo o editorial informava seu objetivo e explicava o significado do nome: remo, arma e memória da tribo sateré-maué que chamavam porantim uma clava em forma de remo. Com sete páginas em tamanho ofício, o boletim trazia os pronunciamento da igreja e denunciava a atuação no Alto Solimões das seitas religiosas junto aos povos tikuna (...). Fazia também crítica a inoperância da Funai (...). O jornal tinha ainda a seção "Cartas dos leitores," normalmente missionários e chefe indígena. (VIEIRA, 2000, p. 33)

IMAGEM: 1

PRIMEIRO NÚMERO DO JORNAL PORANTIM



<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemeroindio&pagfis=3362>. Acessado em: 16 10/ 2017

O segundo número do Porantim: **Boletim Informativo de missionário e índios CNBB - CIMI - Norte I**, circulou com 8 páginas A-4 e traz no editorial, seu objetivo.

Este jornal quer ser porta-voz dos anseios e esperanças dos índios desta Amazônia e suas bases missionaria que atuam junto a eles, este segundo número tem como tema principal a Terra. Os indígenas reunidos em São Marcos em sua XI de chefes acham que a terra é o maior problema e o assunto principal. O mais grave e vital, chegando colocar em segundo lugar os problemas da saúde e educação. Continuando nosso objetivo de ser um elo entre missionário distante e disperso, oferecemos um segundo suplemento de subsídios missionários, continuando o assunto de educação belingue. (Jornal Porantim, 1978, nº 2, p. 1)

Portanto jornal Porantim surge em Manaus no ano 1978, com sete folhas mimeografadas como um órgão informativo do CIMI e por ele editado. O seu nome significa na língua da nação sateré-maué: Arma, Remo e memória e o seu surgimento está relacionado com a instalação do Regional Norte I do CIMI, no Amazonas, quando os missionários exigiram uma presença mais atuante do Cimi na região, surgiu com o objetivo de ser o elo de informação entre os missionários que trabalham nas comunidades indígenas.

Embora tenha surgido como aspecto de um boletim informativo, pouco mais de um ano o “nº 8 do mês de junho de 1979, aparece impresso em tamanho tabloide, o subtítulo: **Boletim informativo de Missionários e Índios** foi substituído por: “EM DEFESA DA CAUSA INDÍGENA, custando Cr\$ 20.00”. (Jornal Porantim, 1978, nº 2, p. 1)

IMAGEM: 2

Número 37 do jornal porantim



Embora tenha começado a ser editado em Manaus em sete folhas de papel ofício, pesquisas mostram que a partir de 1982 o nº 37 começou a ser editado e impresso em Brasília-DF. (jornal Porantim, 1982, nº 37, p. 1).

A mudança deveu-se por dois fatores: dificuldades de recursos materiais e humanos e a transferência do secretário regional do CIMI Norte I, Paulo Suess, para Brasília como secretário nacional do CIMI. Já em sua nova fase, o jornal passou a ter dimensões nacionais, buscando imprimir, em suas 12 e não mais em 8 páginas, notícias de diversas partes do país referente à questão indígena. Torna-se assim, de forma mais clara, o órgão oficial do CIMI, contendo não apenas informações sobre a caminhada dos missionários, mas interpretando também os fatos correlacionados à FUNAI e a outros órgãos governamentais responsáveis pela defesa da causa indígena (...). O Porantim assume uma linguagem mais jornalística.... É nessa fase que o jornal assume uma nova visualização gráfica, com sessões diversificadas e uma diagramação horizontal além de suplementos coloridos....o Porantim acentua sua prática de jornalismo interpretativo. (VIEIRA, 2000, p. 35)

Portanto a mudança de sede do Porantim assume característica de jornal interpretativo, permitindo ao leitor a fazer sua própria análise da situação ou do fato que está sendo vinculado. divulgando notícias referentes aos índios de outras regiões do País, o Porantim passou a ser nacionalmente reconhecido.

Conforme a pesquisa bibliográfica feita na obra de Regina Viera. o jornal Porantim e o indígena 2000, o Porantim tinha uma pequena tiragem

Mensalmente são impressos 5.000 exemplares, de quais 2.500 são enviados para os assinantes (...) e outras parte encaminhada às 11 regionais do Cimi no país, em torno de cem exemplares para cada regional, (...) mil exemplares são encaminhados as aldeias e as organizações (...). O jornal também é enviado para o exterior. (VIEIRA, 2000, p. p. 35-36)

Notadamente a manutenção do jornal Porantim se dava por vendas feitas pela sua pequena tiragem. Essas descrições dos aspectos físico e estrutural do jornal Porantim parecem inúteis, mas particularmente serve de ponto de partida para a pesquisa, pois permite conhecer melhor o jornal Porantim e seu conteúdo específico, quem são seu público leitor e o seu grupo produtor. Durante a pesquisa e até este momento final desta monografia o Porantim não apresenta como outros jornais deste período, o tão conhecido

anúncio publicitário, neste ponto de vista parece ficar livre para expressar a sua crítica em defesa dos povos indígenas.

JORNAL PORANTIM Nº 79

PORANTIM
EM DEFESA DA CAUSA INDÍGENA

ANO VIII — Nº 79 Brasília-DF — Setembro de 1985 Cr\$ 2.500

Chacina no MT. Outro missionário cai morto



O Surui Anine expressa a dor de seu povo pela morte de padre Ezechielle Ramim. Página 3

Cimi avalia a caminhada e faz propostas
Págs. 7, 8 e 9

Guatemaltecos nas garras do Exército
Págs. 11 e 12

Os índios e a Teologia da Libertação
Pag. 10

Fonte: Prelazia de Tefé. Pesquisa de campo do autor. 2017

Apesar de ter surgido mimeografado o jornal sofreu mudanças não de local, como também de aspecto físico, o número 79 aparece com a capa colorida.

2.3. JORNAL PORANTIM COMO FONTE DE PESQUISA

Depois de toda essa apresentação e descrição do objeto de pesquisa, o objetivo é utilizar o jornal Porantim como fonte de pesquisa, analisando e descrevendo através de algumas publicações a violência praticadas no Brasil contra os povos indígenas entre os anos de 1985-90.

Tabela 5 - Publicações analisadas para pesquisa

| Ano | Meses | Nº da Publicações |
|------|-----------|-------------------|
| 1985 | Set | 79 |
| 1987 | Mar | 96 |
| 1988 | mai | 108 |
| 1989 | Jan- Fev- | 115 |
| 1990 | Jan | 124 |

Fontes: Arquivo da Prelazia; Hemeroteca Indígena e Biblioteca CIMI. Elaborado pelo autor.

A edição de número 79 de 1985 teve como diretor, o historiador e indigenista Antônio Brand. Editor: Antônio Carlos Moura Ferreira, o conselho editorial formado pelo antropólogo João Pacheco e pelo presidente da UNI, Aílton Krenak.

Edição nº 96 de 1987. Diretor Antônio Brand. Editor Antônio Carlos Moura Ferreira. Conselho editorial, Aílton Krenak. Redação, Eduardo Leão....

Edição nº 108 de 1988. Diretor Antônio Brand. Editor Wilmar Alves. Conselho editorial, Aílton Krenak, Alcídia Pereira, Tomas Balduino. Redação, Cristina Ávila Valeria .C. Costa.

Edição nº 115 de 1989. Diretor, Atonio Brand. Editor, Antônio Carlos Queiros. Conselho editorial, Aílton Krenak, Alcída Ramos, Benedito Prezia.

Edição nº 124. Diretor, c Conselho Editorial, Agostino Veit. Redação, ACQ, Cristina Ávila, Eduardo Leão

Edição nº 125. Diretor, Antônio Brand. Editor Antônio Carlos Queiros. Conselho Editorial, Agostino Veit. Redação, ACQ, Cristina Ávila, Eduardo Leão.

Todas as publicações consultadas para esta pesquisa, tem as primeira páginas coloridas. O seu interior é ocupado por matérias, com fotografia, as ultimas páginas do jornal Porantim é dedicado a cultura. No período pesquisado o jornal Porantim tem um quadro redacional formado por antropólogo, historiador e por membros do CIMI.

Ao fazer o recorte cronológico para esta pesquisa descobriu-se que este estava diretamente relacionado a um contexto político e sua forma de governo, no entanto se fez necessário recorrer a uma pesquisa bibliográfica que desse maior suporte para entender este período. Conforme a pesquisa bibliográfica neste período foi criada para a defesa do estado brasileiro projetos como o Calha Norte para garantir a segurança nacional do país.

Foram analisadas dezesseis edições do jornal Porantim. Cinco relacionam o assassinato de índios por conflitos de terra.

A metodologia escolhida para essa pesquisa foi bibliográfica. Antes de tudo, foi preciso organizar e identificar o jornal Porantim, anotando o seu título, subtítulo, analisando seu projeto gráfico, sua produção, distribuição seu posicionamento político. Seus produtores, diretores, editores, redatores e o conselho editorial.

No Brasil a utilização de jornais como fonte- objeto de pesquisa:

É na década de 70 e início de 80 do século XX que os jornais passaram a ser encarados de forma diferente. No processo de reavaliação do tratamento dispensado pelo historiador as fontes históricas, os jornais passaram a se apresentar como espaços de representação de inúmeros aspectos da realidade (TELES, 2011, p. p. 23-24)

É dentro deste contexto de reconhecimento dos jornais na pesquisa histórica que o jornal Porantim será utilizado como fonte de pesquisa.

O Porantim é um jornal editado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), órgão pertencente a Conferência dos Bispos do Brasil.

Desde seu aparecimento em 1978, o Porantim tem com um de seus objetivos, está a serviço do índio e com este objetivo divulgou em suas páginas algumas violências praticadas contra os índios no Brasil entre os anos 1985-1990.

Década de 80 o Brasil vive a expectativa da transição política de um regime militar para um regime democrático. Nesse momento histórico, em meio a conturbações sucessórias com o falecimento do presidente eleito, Tancredo Neves, assume a Presidência da República o vice-eleito, José Sarney. É o início do ano de 1985.(SILVA, 2009, p. 3)

No entanto grande era a expectativa de mudança na política brasileira em 1985. De modo geral para o povo brasileiro e, em particular para os povos indígenas por dias melhores na política indigenista brasileira a partir de 1985, pois:

Durante as conversações que manteve com entidades indígenas, Tancredo Neves comprometeu-se a respeitar as nações indígenas. Tancredo Neves faleceu, e José Sarney assumiu. Implementam-se Projetos como o Calha Norte (...), reduziram territórios indígenas (...) e a violência se espalhou... (Jornal Porantim, 1989, nº 124, p. 2)

Como porta-voz do CIMI, o jornal Porantim acompanhou os cinco anos de governo do presidente José Sarney e a sua política indigenista, denunciou implantação de Projetos como o Calha Norte que visava garantir a soberania do Estado brasileiro. Esse projeto foi o grande responsável responsável pelo espalhamento da violência, que acabaram em assassinatos de índios.

Ao analisar e considera que os assassinatos de índios ocorreram por Invasão, demarcação, luta por defesa de Terras não quero dizer -lhes que este problema iniciou-se em 1985 no governo José Sarney e, sim para mostrá que a violência contra os povos indígenas continuou pós ditadura civil militar, no entanto este é o interesse em analisar e descrever os assassinatos de índios a partir das páginas do jornal Porantim entre 1985-1990.

Assassinatos de índios nas páginas do Porantim entre: 1985-1990

Demarcação de Terra

Na edição 79 de Setembro de 1985, o tema assassinato de índios ocupa duas pequenas colunas na página quatro. O motivo do crime, a indefinição da demarcação dos territórios Apinayé. O jornal assim descreve o assassinato.

(...) no dia 23 de julho passado (...), na manhã deste dia dois índios foram presos. A noite um grupo de Apinayé dirigiu-se á delegacia para, conversa

com o soldado de plantão tentar soltar seus companheiros. Os índios apesar de estarem desarmados foram recebidos a bala. Ali mesmo caiu morto o jovem líder dos Apinayé, Valdemar de Sousa. (Jornal Porantim, 1985, nº 79, p. 4)

Invasão de Terra

O jornal Porantim nº 96 de Março de 1987, traz em uma das suas matérias um problema que parece não ser novo nesta “nova republica,” o assassinato de três índios Xakriabá no dia 11 de Fevereiro por posseiros. Esta matéria ocupa todo a pagina sete desta edição, e o motivo deste crime é o conflito por terras.

Na madrugada do dia 11 de Fevereiro, quinze homens comandados por Francisco Assis Amaro ocuparam a aldeia Sapé, no município Itacarambi (...). Três índios foram mortos (...). Os motivos dessas invertidas contra os Xakriabá é o interesses de grileiros pelas terras indígenas. (Jornal Porantim 1987, Nº 96, p. 7)

Conflito: luta por terra

A edição do jornal Porantim de nº 108 de Maio de 1988, anuncia em sua manchete a chacina de quatorze tikunas ocorrido no dia 23 de Março, no Alto rio Solimões, no Amazonas. Esta edição também traz uma matéria ocupando a quarta página sobre o assassinato de um índio Pataxó, na Bahia.

Sobre o assassinato do índio Pataxó, o jornal descreve a causa do crime com sendo por conflito de terras, pois quem mandou matar foi um fazendeiro invasor de Terras.

Sobre a morte do índio Pataxó, Djalma Sousa Lima, o jornal Porantim noticia que a causa da morte foi por invasão de terra.

Em estado de decomposição (...) as unhas dentes e órgão genitais arrancados e ainda apresentando marcas de queimadura no Braço, foi assim que a Policia Federal encontrou o corpo de Djalma Sousa Lima (...). Tudo demonstra que o Pataxó, mantido em carcere privado, foi morto por tortura após ter sido sequestrado quando trabalhava na sua roça (...). o responsável pelo crime o pistoleiro do fazendeiro e invasor da área indígena, Pedro Leite (Jornal Porantim, 1988, nº 108, p. 4)

Em relação a chacina dos índios tikuna ocorrida no dia 28 de Março, no Alto rio Solimões, o jornal Porantim, traz uma matéria referente a chacina que preenche ás paginas 8

e 9 dessa edição, junto com essa matéria, á entrevista com alguns dos sobreviventes dessa matança.

Em relação ao crime, o Porantim descreve:

Cerca de 100 índios tikuna foram alvo de tiroteio comandado pelo madeireiro Oscar Castelo Branco quando esperavam representantes da Funai e agentes da policia federal, ás 14 horas do dia 28 de Março no Igarapé Capacete no município de Benjamim Constant, no Amazonas. A emboscada terminou na morte de 14 índios e 23 feridos (...). Oscar Castelo Branco é o único invasor das terras demarcadas em 1987. (Jornal Porantim, 1988, nº 108, p. 4)

Através dos assassinatos de índios nas páginas do Jornal Porantim neste período percebe-se que os índios tem sofrido vários tipos de violência em que acabaram em mortes de índios, relacionada a questão da terra.

Para finalizar essa pesquisa, que tem como objetivo analisar os assassinatos de índios a partir das páginas do jornal Porantim , será analisada duas edições de 1989, e uma de 1990.

Na edição 115 de Jan- Fev de 1989, o tema assassinato de índios aparece na página 11, acompanhado de duas fotos e uma tabela. Está página traz um levantamento realizado pelo CIMI sobre a violência praticada contra os índios no ano 1988.

Em 1988, foram registrado os assassinados de 36 índios em todo Brasil. 28 dos homicídios estão relacionado diretamente a conflito de Terra (...). Os mais grave foram a chacina dos 14 tikunas mortos a bala no Alto Rio Solimões (AM). No decorrer de 1989 registraram-se caso em que 59 índio sofreram lesões corporais por agressão. 35 foram baleados, 19 espancados e 5 mulheres estrupadas. (Jornal Porantim 1989, ed. 115, p. 11)

Este levantamento revela que houve um aumento no números de índios assassinados no Brasil desde 1985, e a maioria dos homicídios estão relacionado ao conflito de terras. E o problema de tudo isso pode ser o não cumprimento da lei.

A edição de nº 124 de Janeiro de 1990, faz nas paginas 2 e 3, um balanço dos cinco anos de governo José Sarney e sua politica indigenista nos Estados de Roraima e Amazonas. Os cinco anos de governo Sarney foram marcados por redução das terras indígenas do Amazonas e Roraima, por massacres, invasões aos territórios de índios e pela insistência de integrá-los a comunhão nacional (Jornal Porantim, 1990, ed.124, p. 3).

As descrições das causas da morte de índios entre 1985-1990 no Jornal Porantim mostram que todos os assassinatos ocorreram por conflitos de terra, e não somente isso, mas

também mostra o grande desrespeito com os povos indígenas. O ano de 1985 Brasil saía de um regime político militar para um “democrático”, por isso grandes eram as esperanças dos povos indígenas. Diferentemente do que esperava, o país ainda continuou sendo governado por militares, criaram-se projetos como o Calha Norte para a defesa da Amazônia, e a violência contra a sociedade indígena continuou, os homicídios de índios por conflitos de terra cresceram na área indígena e os responsáveis pela violência continuaram impunes. Uma das causadoras dessa violência foram as políticas indigenistas, pois estas ainda ficaram sendo ministradas por militares. “A política governamental de ocupação da Amazônia continuou sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional, agora monitorada pela Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional (SADEN)” (Porantim 1989, nº 116, p. 2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta monografia foi desde o principio analisar e descrever a partir páginas do jornal Porantim, os assassinatos de índios, mas que para isso ocorresse foi preciso reunir publicações e depois fazer uma pesquisa bibliográfica que desse um repertório teórico-metodológico para assim entender a importância da imprensa na pesquisa histórica.

A imprensa chegou ao Brasil tardiamente, somente no início do século XIX, com a fuga da Coroa portuguesa para Rio de Janeiro, esta ainda com característica artesanal começou a injetar aparelho tecnológico a partir do final do século XIX para o início do século XX, com o desenvolvimento das classes burguesa etc.. A data da sua chegada serve de ponto norteador para entender a História da Imprensa no Brasil. No Amazonas ela apareceu mais de quarenta anos depois e, se desenvolveu com a economia de exportação da borracha.

Como fonte de pesquisa a imprensa periódica brasileira só começou a ganhar terreno depois de uma renovação historiográfica que superou uma antiga postura que via os materiais da imprensa dentre estes os jornais como fonte suspeita.

Portanto é através da incorporação dos materiais da imprensa como documento de pesquisa, que se insere o jornal Porantim, um órgão pertencente ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), e por ele editado, contrariamente do que se imaginava o jornal Porantim não é um jornal produzido por indígenas, e sim por indigenistas, seu nascimento se deu em um momento que o Brasil passava pelo período onde o país era governado por militares que tinham como objetivo o desenvolvimento econômico do país. O Porantim surge para divulgar questão referente ao índio neste período, no editorial do seu segundo número deixava isso claro quando diz “esse jornal quer ser porta-voz dos índios”.

Ao fazer o recorte cronológico descobriu-se que este estava diretamente relacionado a um contexto político, com sua forma de governo e a criação de projetos, como o Calha Norte com o seu objetivo de defender o território brasileiro de ameaças. Como porta-voz do CIMI o jornal Porantim acompanhou e divulgou em suas páginas os problemas trazidos por esse projeto que afetou fisicamente e culturalmente os povos indígenas que viviam nas regiões onde o Projeto Calha Norte foi instalado.

No entanto foi através de uma pesquisa bibliográfica que se descobriu -se que trabalhar um periódico como o jornal Porantim como fonte e objeto de pesquisa não é

simples, foi somente por meio de um aprofundamento metodológico que permitiu identificar o jornal Porantim e os seus conteúdos. Para isso foi preciso distinguir dois grandes campos de estudos da imprensa que confundem pesquisadores, a Imprensa como objeto de estudo e a História através da Imprensa.

Segundo (Cruz e Peixoto, 2007, 285). “Os diversos materiais da Imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa”.

Antes de tudo, este trabalho não pretende parar aqui, pois, a dificuldade foi grande para se chegar até aqui devido a falta de um referencial teórico que falasse sobre o CIMI e a falta de documento no Arquivos pesquisados em Tefé.

Referencias Bibliográficas:

Fontes e Documentos

BOLETIM DO CIMI. Nº 1- Campo Grande MT.- 01 Setembro de 1972

REGIMENTO INTERNO DO CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI).

Jornal Porantim diversos anos e edições.

Obras Consultadas

CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na **Historiador: conversas sobre História e Imprensa**. Projeto História n 35. São Paulo. 2007.

HEMEROTECA INDÍGENA. <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemeroindio&pagfis=3362>. Acessado em: 16 10/ 2017

GRANDRA, Edgar ávila, NOBRE, Felipe Nunes. **A Mobilização pelos direitos indígenas na Constituição de 1988: Articulações do Conselho Indigenista Missionário e da União das Nações Indígenas através do jornal Porantim (1985-1988)**.

LUCA, Tania Regina de. **A grande Imprensa no Brasil da Primeira Metade do Século XX**. TELES, Luciano Everton da Costa. **A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)**. Out. 2008.

TELES, Luciano Everton Costa. **A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920)**. Revista Mundos do Trabalho, vol. 3, n. 5, janeiro-junho de 2011.

HECK, Dionísio Egon, SILVA Renato Santana da; FEITOSA, Saulo Ferreira (orgs.). **Povos indígenas: aqueles que devem viver. Manifesto contra os decretos de extermínio**. Brasília: Cimi, 2012, 192 p.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto: **Imprensa e Sociedade nos Confins da Amazônia (1880-1920)**.

WILLIAMS, Raymond. **A Imprensa e a Cultura Popular: Uma perspectiva histórica**

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

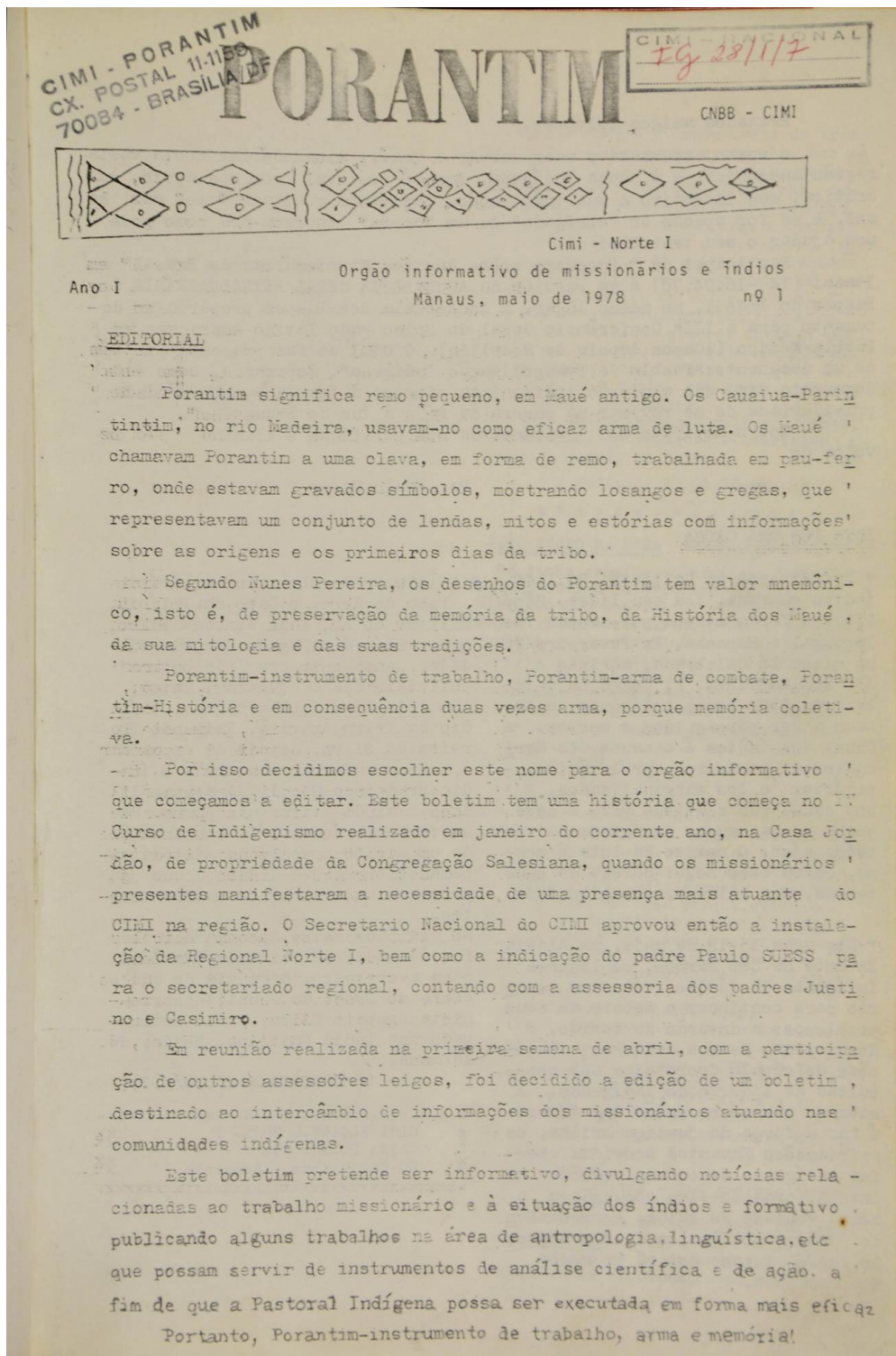
VIERA, Regina Luz. **O jornal Porantim e o indígena**. São Paulo: Annablume, 2000.

ZICMAN, Renée Barata. **História Através da Imprensa: Algumas considerações metodológica**.

SILVA, Paulo Ramos Baptista da. **O Projeto Calha Norte e a Política Externa Brasileira a partir de 1985**. Brasília, 2009.

ANEXOS

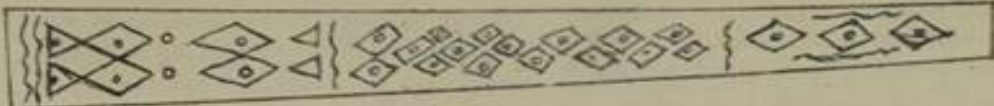
ANEXO 1 – Primeira Edição do Jornal Porantim



<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerioindio&pagfis=3362>. Acessado em: 16/10/2017

ANEXO 2 – Segunda Edição do Jornal Porantim

PORANTIM



BOLETIM INFORMATIVO DE MISSIONÁRIOS E ÍNDIOS
- CNBR - CIMI-NORTE I
Manaus, junho de 1978 nº 2

Ano I

Editorial

Amigo Índio. Dedicado missionário.

Amigos leitores e colaboradores do PORANTIM. Estamos com o segundo número. Vamos continuar, principalmente depois da ótima repercussão por ocasião do lançamento do primeiro. Como este jornal quer ser portavoiz dos anseios e esperanças dos Índios desta Amazônia e das bases missionárias que atuam junto a eles, este segundo número tem como tema principal a TERRA.

Os indígenas reunidos em São Marcos na sua XI Assembléia de Chefes acham que a terra é o problema e o assunto principal. O mais grave e vital, chegando a colocar em segundo lugar os problemas da saúde e educação.

No primeiro artigo: PRIMEIRO A TERRA... DEPOIS..., você encontrará notícias sobre os conflitos armados entre Índios e brancos no sul do país, por causa de terras, as raízes da luta e os posicionamentos governamentais. Ainda neste artigo, você encontrará as dimensões originais das 16 Reservas criadas pela FUNAI (5 no município de São Gabriel da Cachoeira e 11 em Boa Vista). São números que devem ficar na memória e no coração, para que possamos defender aquelas novas reservas na sua integridade. E nós missionários não devemos esquecer as devidas repercussões deste problema nos Planos de Pastoral das Prelazias.

No segundo artigo: PARA QUE EMANCIPAÇÃO?, você encontrará novas opiniões e posicionamentos de Índios, autoridades e antropólogos sobre o problema da emancipação. Uma outra maneira de abordar o problema da terra.

No terceiro artigo: ÍNDIO APANHANDO... ÍNDIO RESISTINDO, você verá o quanto que a civilização produz de malefícios para as culturas indígenas. São números que falam por si. Mas desafiando estes números de morte, temos números de esperança.

No quarto artigo: TERRA À VISTA... TERRA À VISTA... 1500 d.C., temos notícias sobre as descobertas de minérios e projetos de turismo numa região (Rio Negro) que, se hoje não está em destaque por conflitos armados por causa de terras, poderá se tornar a próxima zona de atritos.

Logo depois você encontrará algumas idéias expostas na IV Assembléia Regional do Cimi, Norte de MT, realizada em Merure nos dias 15-19 de maio de 1978. Alguns depoimentos são profundamente questionadores.

E tentando concretizar em nosso jornal a tão propagada idéia de que o Índio deve ser o protagonista de sua história, escutaremos um indígena Tukano, do Alto Rio Negro, que participou na XI Assembléia de Chefes. As palavras de nosso amigo Izidro são simples e de bastante realismo.

Continuando nosso objetivo de ser um elo entre os missionários distantes e dispersos, oferecemos um segundo suplemento de Subsídios missionários, continuando o assunto da educação bilingue.

Amigo, este jornal é seu. Leia, pense, critique, corrija, confirme, difunda o Porantim. Sua arma de luta.

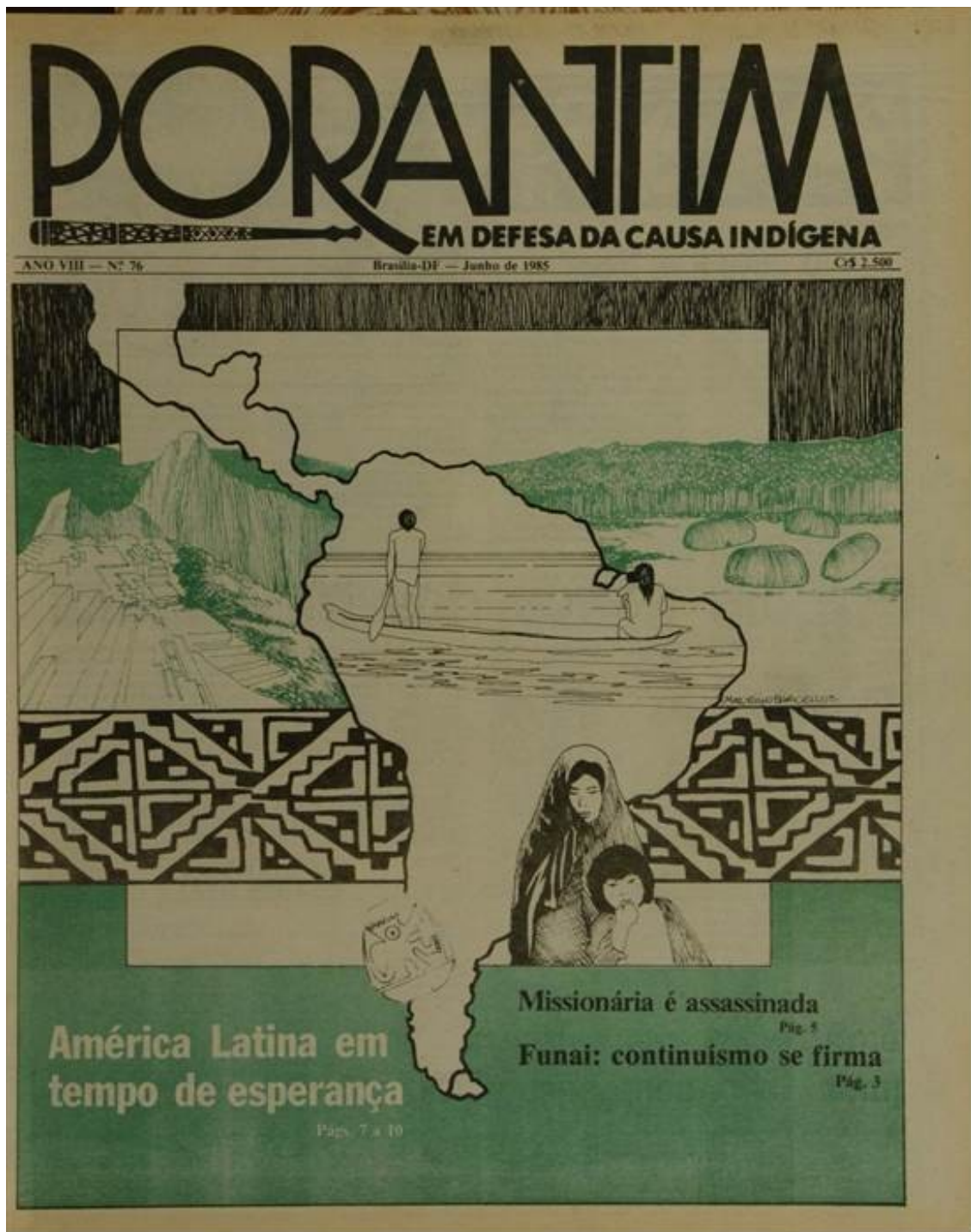
A REDAÇÃO

ANEXO 3 – Trigésima Sétima Edição do Jornal Porantim



<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemeroindio&pagfis=3362>. Acessado em: 16/10/2017

ANEXO 4 – Septuagésima Sexta Edição do Jornal Porantim



<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemeroindio&pagfis=3362>. Acessado em: 16 10/ 2017